

As dez semanas que abalaram o mundo

A cada novo ataque de Trump à economia mundial, as previsões de crescimento para os EUA são reduzidas; o país caminha para uma recessão já neste ano

Por Edward Luce (Financial Times)

Valor, 01/04/2025

O historiador **Arnold Toynbee** disse que **civilizações** não são assassinadas, elas morrem por suicídio. Embora a influência militar e a posição geográfica sustentem os **EUA**, sua república está flertando com o roteiro de Toynbee. Sem nenhuma ameaça externa ou análise de custo-benefício interno, um marciano seria levado a crer que a maior potência da Terra está se destruindo pelas próprias mãos. Seja na China, no Canadá ou mesmo nos EUA, os observadores humanos estão perplexos. A velocidade com que os EUA se voltam contra si mesmos é histórica.

Donald Trump tomou posse há dez semanas. Ele herdou uma economia com **inflação** estável e **juros** em queda, mas com **crescimento** ainda projetado para superar o de qualquer grande concorrente neste ano. Mas a cada novo ataque de Trump à economia mundial, as previsões de crescimento para os EUA são reduzidas. Supondo que ele fornecerá mais combustível para revisões para baixo — provavelmente com seu “**Dia da Libertação**”, 2 de abril, de **tarifas recíprocas** contra o resto do mundo —, os EUA caminham para uma recessão já neste ano. Seria uma recessão por escolha; escolha de Trump.

Mas essa é a parte trivial. O crescimento negativo seria apenas um desdobramento de um ataque mais preocupante ao experimento americano. O que o diferencia de crises anteriores é a ausência de uma resistência séria. A **guerra civil de 1861-1865** foi uma luta sangrenta até a morte. Mas a causa unionista contra a **escravidão** era movida por uma paixão justa. A reação ao **ataque a Pearl Harbor** em 1941 despertou uma **nação isolacionista**. O país compensou a falha em antecipar o óbvio com uma determinação inabalável.

Cada uma das convulsões internas dos EUA desde então — a luta pelos direitos civis na década de 60, as divisões causadas pela **guerra do Vietnã**, o **Watergate** de **Richard Nixon** e até mesmo a reação à **guerra no Iraque** em 2003 — resultou em disputas acirradas, às vezes com desfechos positivos. O que falta, agora, é qualquer noção da dimensão do que está em jogo. Ironicamente, os estrangeiros estão bem cientes. Toda vez que um **cientista** é impedido de entrar no país, ou um **turista** desaparece em um centro de detenção, a notícia ganha destaque em sua terra natal. **Estudantes estrangeiros** vivem com medo de serem arbitrariamente **deportados**, ou mesmo capturados na rua por agentes mascarados. Visitantes em potencial já estão fazendo outros planos.

E o que o mundo pensará do 250º aniversário dos EUA no ano que vem? A declaração de independência americana prestou “o devido respeito às opiniões dos homens”. Trump, por outro lado, lança um olhar carrancudo para o mundo, que, segundo ele, está explorando seu país ou se beneficiando de sua generosidade. A brutalidade é intencional. Quando **Kristi Noem**, a **secretária de Segurança Interna** de Trump, desfila diante de detentos ajoelhados e de cabeça raspada, o **sadismo** é **deliberado**. Quando **J.D. Vance**, o

vice-presidente, se convida para ir à **Groenlândia** e diz ao seu povo que, de um jeito ou de outro, eles se tornarão americanos, a ameaça é real.

Em muitas frentes, e com pressa deliberada, os EUA estão vaporizando seu "soft power". Leva menos de um trimestre para manchar uma reputação que levou um quarto de milênio para ser construída. Quanto tempo levaria para reconstruí-la? Na semana passada, **Mianmar** foi atingida pelo pior **terremoto** em décadas. Equipes chinesas e até mesmo russas estavam no local em poucos dias. Tendo desmantelado a **USAid**, a ajuda americana ainda não chegou. Em casa, Trump planeja deportar mais de 300 mil **refugiados venezuelanos** de volta às garras do regime brutal do qual eles fugiram.

Nenhuma das massas oprimidas do mundo é bem-vinda aos EUA, com uma exceção: **sul-africanos brancos**. Enquanto Trump fecha agências e consulados ao redor do mundo, seu governo está estabelecendo centros de processamento para "refugiados" **afrikaners** brancos em **Pretória**, alegando que eles são vítimas de **discriminação racial** pelo governo de maioria negra da **África do Sul**. Para que ninguém perca a mensagem, seu governo está apagando as contribuições de americanos não brancos dos sites do **Pentágono**, do **cemitério de Arlington** e do **museu Smithsonian**. Martin Luther King Jr. foi retirado das menções. Os nomes dos generais confederados derrotados estão de volta. Projetos de pesquisa científica estão sendo vasculhados em busca de palavras proibidas como "igualdade" e até mesmo "mulheres".

Tudo isso está sendo feito em nome da meritocracia. A nova elite dos EUA é quase toda branca, masculina e, em sua maioria, despreparada para liderar os grandes departamentos que está destruindo. E não são apenas os estrangeiros que estão refazendo seus planos. Cientistas americanos estão procurando emprego no exterior. Trump ofereceu ao restante do mundo uma grande oportunidade de recrutamento.

Caso ainda haja dúvidas de que os EUA abraçaram o brutalismo, basta observar a liberação, no mês passado, dos irmãos Tate, Andrew e Tristan, da Romênia — onde eles agora aguardam julgamento por acusações de tráfico humano e exploração sexual. Enquanto muitos são intimidados a se deportar voluntariamente, os irmãos receberam tratamento de tapete vermelho. Presságios como esses são mais graves do que qualquer recessão autoinfligida.